

# Reordenações na família decasségui

## Dilemas e desafios

*Victor Hugo Kebbe \**

Para suprir a falta de mão de obra nas indústrias japonesas na década de 1980, e visando causar o menor dano possível em seu tecido social, o Japão abriu suas portas para a imigração dos nikkeis, descendentes de japoneses nascidos fora do Japão. O fluxo migratório que se sucedeu é conhecido no senso comum como o “fenômeno decasségui”, acarretando várias disrupções nas comunidades nikkeis em todo o Brasil e gerando novas contingências que são estudadas em vários campos das ciências humanas há mais de vinte anos.

Apesar de este fluxo migratório ser amplamente debatido quanto às suas implicações sociais e políticas tanto no Brasil como no Japão, são poucos os estudos voltados às microdinâmicas sociais que são cotidianamente engendradas. Mesmo com análises sociológicas que buscam o estudo da identidade (ou das identidades, como prefiro chamar) dos grupos de brasileiros com ascendência nipônica nos dois países, é recente o esforço (YAMAMOTO, 2008) para entender o que ocorre dentro das famílias, locus privilegiado para a compreensão de agenciamentos<sup>1</sup> familiares, parentesco, redes sociais, etc.

O presente artigo constitui, de certa forma, um desdobramento de meu trabalho de campo voltado para o doutorado, cujo foco é o estudo das famílias decasséguis em solo japonês (SILVA, 2011a, 2011b). Busquei, através da observação participante, acompanhar de perto vários decasséguis em suas rotinas diárias no Japão, tomando como eixo norteador o estudo de como esse

---

*\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do Laboratório de Estudos Migratórios – UFSCar.*

fluxo migratório interfere no interior da família e a maneira como esses brasileiros dialogam com o novo contexto cultural. Para tanto, adotei como campo empírico a cidade de Hamamatsu, na província de Shizuoka, conhecida por ter a maior concentração de brasileiros vivendo no Japão.

Sendo antropólogo, e adotando um escopo de análise diferenciado – o da família e do parentesco –, pude encontrar uma ampla variedade de agenciamentos ou reordenações familiares para dar conta de famílias que estão distendidas em dois países. No meio dessas reordenações, é possível observar várias questões referentes à educação dos filhos desses brasileiros vivendo no Japão, gerando sérias implicações sociais debatidas à exaustão pelos órgãos oficiais, associações e organizações não governamentais de Hamamatsu. Precisamente por não ser o meu foco de análise no doutorado, pude observar – como alguém de “fora” da discussão política sobre Educação – algumas das nuances que percorrem os projetos de vida de várias dessas famílias brasileiras; e que implicam em refletir sobre alguns dos dilemas e projetos de vida desses brasileiros quanto às maneiras como entendem a educação de seus filhos em contínuo fluxo entre Brasil e Japão.

## **O Contexto cultural particular de Hamamatsu**

Este artigo tem como objetivo primeiro estudar as famílias de decasséguis vivendo no Japão, com uma metodologia capaz de abordar as microdinâmicas sociais que nem sempre são perceptíveis nos estudos tradicionais. Usando a ideia de campo denso (GEERTZ, 1989), tenho como objetivo compreender, através das categorias nativas do campo, as práticas de significação da experiência de vida desse grupo neste contexto cultural particular, compreendendo as dificuldades inerentes a uma pesquisa em Antropologia Urbana (MAGNANI, 2002, 2003, 2005).

Através da permanência e do convívio entre famílias de decasséguis, pude observar suas atividades cidadinas no dia a dia — seja no trabalho, nos momentos de lazer, no ambiente familiar, etc. A observação participante, em uma cidade japonesa com grande concentração de brasileiros, revelou-se importante para captar as maneiras como essas pessoas dialogam com o entorno; no caso, um contexto cultural bastante particular. Assim como identifica Magnani, que com o estudo das cidades e da metrópole as fronteiras físicas e geográficas são mais borradas do que nunca, percebi em Hamamatsu a existência de um campo extremamente móvel, exigindo a necessidade de acompanhar os vários circuitos urbanos dos brasileiros na cidade (MAGNANI, 2002, 2003, 2005). Em tais circuitos, pude acompanhar os decasséguis em várias outras dimensões, que não a fábrica, objeto de estudo já amplamente debatido e discutido na literatura acadêmica.

Adotei como campo Hamamatsu, na província de Shizuoka, cidade conhecida por abrigar o maior contingente<sup>2</sup> de brasileiros vivendo no Japão nos dias de hoje. Quando de minha permanência na cidade, entre junho de 2010 e março de 2011, Hamamatsu tinha 16 mil<sup>3</sup> brasileiros na cidade, perfazendo o maior número dentre os estrangeiros. De acordo com as estatísticas da própria cidade, os decasséguis brasileiros foram atraídos, inicialmente em 1989, pelas indústrias

nos arredores; entretanto, nos dias de hoje, a cidade é conhecida por possuir lojas, escolas, bancos, restaurantes e demais estabelecimentos brasileiros. Fixando-me em Hamamatsu, pude não só criar uma ampla rede de informantes brasileiros, japoneses, americanos e peruanos na cidade; como também atuar em duas instituições<sup>4</sup>, como voluntário no ensino de inglês para adolescentes e adultos brasileiros na cidade, buscando, assim, compreender as dificuldades reais dos brasileiros em suas várias dimensões.

A presença brasileira em Hamamatsu é visível em toda uma infraestrutura do governo local, encontrando-se placas de sinalização em japonês e português, sem contar os inúmeros serviços públicos da cidade que são oferecidos nos dois idiomas, sendo para alguns um exemplo de sucesso na recepção de populações estrangeiras no Japão. Em contrapartida, justamente pela grande quantidade de serviços prestados em português, pude verificar em campo que a maioria dos brasileiros residindo na cidade não fala o idioma japonês nem em nível básico, aspecto observável em entrevistas informais com brasileiros e japoneses e no próprio convívio com essas pessoas diariamente. A não proficiência dessa população no idioma japonês constitui objeto de estudo não apenas de organizações não governamentais e da prefeitura local, como também do Instituto Nacional de Língua Japonesa, que realizou em setembro de 2010 uma pesquisa sobre o nível de entendimento de japonês por parte da população estrangeira na cidade.

Nota-se, já nesse momento, que o relativo domínio do idioma local é um importante fator de clivagem e determinante nas próprias relações sociais entre brasileiros e japoneses, delimitando diferentes circuitos e atividades. Aspecto verificável em grande número de estudos sobre outros fluxos migratórios no mundo todo, à primeira vista é factível sugerir que em Hamamatsu seria possível viver em solo japonês com um pequeno conhecimento do idioma, contanto que amparado por inúmeras redes sociais, pelo suporte do governo e de instituições locais. Esta questão encerra as atividades sociais de brasileiros na cidade (KAWAMURA, 2003) e cria o que os meus próprios entrevistados relatam da “sensação de que brasileiros não se misturam” nem com japoneses, e tampouco com outros grupos migratórios residindo em Hamamatsu. O sentimento de brasilidade, ou a vontade de manutenção da cultura de origem, que afloram nesse contexto cultural diferenciado (LESSER, 2000, 2003), mostram claramente que, em meio a esta infraestrutura para receber brasileiros no Japão, as contingências e preocupações que surgem na cidade são diversas, evidenciando a diferença de *historicidades* entre as comunidades nikkeis no Brasil e os brasileiros vivendo no Japão (KEBBE ; MACHADO, 2007).

## **Projetos alternativos, novas contingências**

A questão da ausência dos pais ou de outros parentes numa família transnacional (BRYCESON; VUORELLA, 2002; MACHADO; KEBBE; SILVA, 2008) torna-se fator crucial nas “relacionalidades” (CARSTEN, 2004), ou agenciamentos que são feitos dentro da família. Para permanecerem unidas, as famílias

transnacionais são confrontadas com o paradoxo de separarem os seus membros em mais de um país. Muito além das questões econômicas e financeiras, que certamente são ponto integrante do projeto de emigrar, ou não, a família inteira para o Japão, não podemos deixar de perceber o papel que as crianças assumem nessa equação: Onde criar? O país receptor oferece serviços adequados de saúde, educação, segurança, etc.? Como fica a estrutura familiar, se avós, pais, tios, irmãos, filhos e netos estão distendidos dessa maneira? Mostrarei, a seguir, casos que ilustram como famílias em Hamamatsu criam agenciamentos, e contornam, assim, a distância entre os dois países.

Lembro-me que uma de minhas primeiras entrevistadas já refletia sobre o seu papel de mãe em Hamamatsu, pois seu filho morava com a avó no Brasil. Tendo já escrito a respeito (SILVA 2011a), relatarei apenas um dos inúmeros exemplos encontrados em Hamamatsu: o caso de Fernanda<sup>5</sup>, mãe solteira de 23 anos de idade, terceira geração.

Originária de Presidente Prudente, Fernanda foi pela primeira vez ao Japão, aos quatro anos de idade, acompanhada da mãe. Com tudo preparado pelo pai, que fora antes para trabalhar como decasségui, Fernanda aprendeu a falar português em sua nova casa no Japão e iniciou formalmente os seus estudos aos seis anos de idade em uma escola japonesa, sendo um dos vários casos de brasileiros bilíngues residentes na cidade. Integrando o que podemos chamar de família transnacional, por possuir seus membros distendidos em mais de um país, Fernanda esteve em fluxo entre Brasil e Japão por cinco vezes, sempre estando um membro da família em cada país para garantir exatamente essa estrutura familiar “transnacional”.

Durante as idas e vindas, e sofrendo uma série de problemas familiares nos dois países, Fernanda teve a educação formal interrompida por várias vezes, o que a faz pensar, até os dias de hoje, sobre o quanto isso pode ter interferido em sua vida atual. Ela me procurou, pouco antes de meu retorno ao Brasil, para que eu a ajudasse com a indicação de um professor de inglês, considerando que apenas com o aprendizado desse idioma teria chance de garantir um bom emprego no Brasil: “lá eu não vou usar o japonês pra nada”.

Mãe de um filho em idade escolar, Fernanda voltou para o Japão aos 21 anos de idade, como decasségui, para tentar reunir a sua família novamente, e foi viver em Hamamatsu com o pai e o irmão, buscando levantar fundos para com o fruto de seu trabalho manter uma educação de qualidade para seu filho único no Brasil. Evitando assim o histórico que marcou a sua própria educação fragmentada, Fernanda distendeu a família e se separou de seu filho pequeno, mantendo, paradoxalmente, a família unida.

Entretanto, ela sofre a dor da distância e da saudade de seu filho pequeno — atenuada pelo uso constante da internet para a comunicação com a mãe no Brasil —, e considera que está perdendo uma fase crucial não só de sua própria vida como mãe, mas também o momento de crescimento de seu filho, não sabendo de que forma isso poderá afetá-lo no futuro. Fernanda reconhece ser ausente no acompanhamento dos estudos de seu filho, tarefa que cabe temporariamente à

avó. Pouco antes de me despedir, fui com ela a uma loja de brinquedos, no centro de Hamamatsu, para ajudá-la a escolher um quebra-cabeça para o seu filho — um dos eventuais presentes que ela sempre envia ao Brasil; além das remessas constantes, que, juntamente com a internet, mantêm o “funcionamento” de sua família.

Por ter alta proficiência em japonês, e também por falar português, ainda que de maneira precária, Fernanda assume o papel de tradutora junto à sua família e amigos próximos. Mesmo por conta de sua educação fragmentada, ela ainda tem o que muitos brasileiros em Hamamatsu não têm: o domínio do idioma japonês. Isso a coloca como tradutora e nó em uma rede social bastante específica, sempre ajudando aqueles que pedem e seguindo uma hierarquia de prioridades: parentes próximos > parentes distantes > melhores amigos > amigos > trabalho. Observei a existência em Hamamatsu de várias outras pessoas com o mesmo perfil, denotando, assim, um papel específico que os mantêm como mediadores na comunidade.

Ao ser questionada sobre os possíveis “problemas” que enfrenta ao viver distante do filho e de sua educação fragmentada, Fernanda percebe claramente que é um dos melhores agenciamentos possíveis que ela pôde fazer para garantir a união familiar, diante de todas as contingências que surgem para gerir uma família em dois países. Ela assim o faz, e paga as suas contas tanto no Japão quanto no Brasil, apesar de alterar seriamente um projeto familiar tradicional e, ainda mais, alterar a relação entre mãe-filho. Segundo ela, essa lógica própria não confronta de maneira alguma com todos os discursos oficiais e de organizações não governamentais envolvendo os “problemas das famílias de brasileiros em Hamamatsu”; discursos esses que a deixam revoltada, pois diante da facilidade da migração entre Brasil e Japão e com a contínua existência de pelo menos um membro da família vivendo em cada país, sua decisão é acertada. Temporária, mas acertada.

Notamos, no entanto, o quanto a ausência dos pais dentro de casa influencia na educação e formação das crianças em Hamamatsu, de maneira sem precedentes, existindo até pouco antes da minha chegada ao Japão, a presença de gangues de brasileiros na cidade, como me informaram alguns entrevistados. Organizações não governamentais e também grupos, como a *Shidokan Kodama Dojo* e a Igreja Universal do Reino de Deus/IURD—Hamamatsu, buscam retirar os jovens das ruas, com rondas e programas de atividades específicas para a juventude; sendo que os indivíduos atendidos são, em alguns casos, adolescentes não matriculados nas escolas, com tempo ocioso, ou então, sem a presença dos pais dentro de casa. Segundo a Associação Brasileira de Hamamatsu, por conta das longas jornadas de trabalho e dos turnos diferenciados nas fábricas, é crescente o número de problemas legais envolvendo as famílias de brasileiros — em especial quanto ao número de divórcios, ou então, com a explosão de uma plasticidade nos agenciamentos familiares, até então nunca vistos.

Como informaram alguns entrevistados, muitos pais permanecem fora de casa o dia todo, nas indústrias; existem também os casos de pais que trabalham

em turnos alternados, surgindo situações de marido e mulher que não conseguem se encontrar, durante o dia, aspectos estes que oferecem impasses quanto ao cuidado dos filhos. Diante das necessidades financeiras e das próprias exigências do trabalho, observamos, então, o quanto o ambiente familiar e a ausência dos pais interferem na educação das crianças. Como exemplo, temos o caso de Mariana, 28 anos, não descendente de japoneses e - outro dado importante — que não fala o idioma japonês, o que restringe, evidentemente, os círculos e circuitos sociais dela própria e de sua filha.

Com uma filha pequena, e após enfrentar uma complicada separação, Mariana tinha pelo menos dois empregos, um em Hamamatsu e outro em Nagoya, sendo que os rendimentos eram destinados a cobrir as despesas pessoais, dívidas e a educação da criança. Com o intuito de minimizar as dificuldades dentro de casa em relação à educação da filha, bem como graças às facilidades da infraestrutura para receber brasileiros de Hamamatsu, Mariana achou ser melhor matriculá-la em uma escola brasileira, dadas as diferenças gritantes não apenas no sistema de ensino japonês, como o próprio comportamento, educação corporal, etc. Segundo ela, sua filha é “agitada demais para uma escola japonesa”; contudo, o fato de a mãe não dominar o idioma também pode ser pensado como uma variável importante no cálculo de *onde* matricular a filha.

A mesma percepção ocorre com funcionárias de uma escola brasileira, cujos filhos estão todos matriculados na mesma instituição em que trabalham. Como pude verificar, em entrevistas com as coordenadoras e professoras, apesar do alto custo, os pais das crianças que optam pelas escolas brasileiras podem ficar ausentes durante a maior parte do dia, enquanto seus filhos são amparados pelas “tias” e “professoras”, que se desdobram no cuidado de vários alunos e suprem, de forma temporária, os papéis de mãe e pai momentaneamente ausentes. Em contrapartida, segundo as mesmas coordenadoras e professoras, a ausência dos pais no auxílio e no acompanhamento da educação dos filhos cria uma carência que elas nunca observaram no Brasil: com a explosão de parentes ausentes, surge também uma reação afetiva nas crianças que também deve ser considerada. Sejam pais e filhos separados entre Brasil e Japão, sejam pais e filhos separados na mesma cidade, o “fenômeno decasségui” adentra na família desses brasileiros com inúmeras forças. Veremos, a seguir, uma breve discussão sobre as diferenças, dilemas e agenciamentos dessas famílias de brasileiros vivendo em Hamamatsu, tendo como eixo as diferenças de escolas e a barreira do idioma.

## **Escolas japonesas, educação fragmentada e filhos tradutores**

Quanto aos principais problemas das crianças e adolescentes brasileiros em Hamamatsu, apontados pelas instituições oficiais e organizações não governamentais, é importante ter em mente as diferenças de ensino e aprendizado nas escolas brasileiras e japonesas, tema este discutido com mais propriedade por vários outros estudiosos. Das barreiras iniciais, ao adentrar numa escola

japonesa, não podemos nos esquecer da recepção de um aluno estrangeiro que não domina ou domina parcialmente o idioma do país receptor, gerando um impasse duplo na avaliação do nível de aprendizado: além da avaliação individual de cada aluno que responde diretamente ao programa de ensino local (com suas diferenças e incompatibilidades em relação ao Brasil), como educar um aluno que não entende a língua falada em sala de aula?

Como, no Japão, o nível de aprendizado escolar é embasado no ano de idade escolar, pude observar em campo que indivíduos que iniciaram seus estudos em escolas japonesas desde muito cedo, possuem não só um rendimento e aprendizado diferentes dos demais brasileiros em outros casos; como acabam assumindo papéis distintos no interior da família, mostrando mais uma inflexão do movimento migratório na constituição da família. Numa variante que pude encontrar em Hamamatsu, deparei-me em alguns momentos com brasileiros que, educados desde muito cedo em japonês e “à japonesa”, não sabem o português ou o falam com relativa dificuldade, além de sua própria postura corporal os colocar mais como japoneses, do que como brasileiros. Nesse sentido, encontrei dois adolescentes brasileiros que falam, vestem-se e portam-se como adolescentes japoneses; conforme me explicou a mãe deles, o fato de os pais serem bilíngues leva os filhos a recusarem o aprendizado do idioma português dentro de casa. Outros casos similares envolvem adultos que se desprenderam completamente do uso do português, dos hábitos e prenomes brasileiros dentro de casa, não carregando consigo nenhum vínculo ou interesse de retorno ou visita aos parentes deixados no Brasil, como estratégias ou iniciativas pertinentes ao novo contexto cultural em que estão inseridos. O alto preço pela opção da imigração passa a ser cobrado, seja com o rompimento dos laços com a cultura pré-migratória ou, em casos extremos, com os próprios familiares que estão no Brasil.

Por outro lado, quando os pais não são falantes de japonês, existe o surgimento da “barreira” da língua dentro de casa: assim, ouvi de terceiros o medo de alguns pais em matricular os filhos em escolas japonesas, por não poderem manter a comunicação em casa com os filhos, num futuro próximo. Outra possibilidade é a participação mais ativa dessas crianças e adolescentes matriculados em escolas japonesas, nas tarefas familiares, como tradutores ou mediadores. Nesses casos, e como mais um agenciamento familiar propiciado precisamente por conta da migração, são os filhos que assumem o papel dos pais nas situações de contato com a sociedade japonesa, no dia a dia, ou na prefeitura, no hospital, etc. Eles acompanham, assim, os pais e irmãos em consultas médicas, transformando-se em pivôs nas decisões familiares que envolvem contatos externos. Mesmo tendo a educação fragmentada entre Brasil e Japão — como no caso de Fernanda (e, por isso, sabendo japonês um pouco mais do que os pais e amigos) —, esses indivíduos são amplamente requisitados desde cedo, tomando a posição de nós ou nódulos nas redes sociais em Hamamatsu, fazendo parte, então, mais da *sócio-lógica* local, do que na configuração de um “problema”.

## Escolas brasileiras e a “barreira” do idioma

Devido à infraestrutura particular da cidade de Hamamatsu, à não proficiência dos pais no idioma japonês e às variadas contingências com que têm de lidar diariamente por conta das longas jornadas de trabalho, para muitos dos meus entrevistados uma alternativa viável na cidade consistia em matricular seus filhos em escolas brasileiras, existentes em número expressivo em Hamamatsu. Apesar do alto custo, tais escolas adotam brasileiros como professores que “sabem lidar com as crianças brasileiras”, e seguindo planos de ensino muitas vezes provenientes do Brasil, almejando amortizar, assim, alguns dos dilemas enfrentados pelas crianças, adolescentes e até mesmo professores e outros profissionais de ensino.

Porém, a contratação de tutores não qualificados como professores cria outras implicações de âmbito mais amplo. Além da ausência de acompanhamento dos pais no aprendizado de seus filhos, como em algumas escolas o ensino do idioma japonês não é incentivado, as crianças e adolescentes se encerram em atividades sociais e culturais quase que estritamente “brasileiras”, criando novamente fronteiras nas relações com a sociedade japonesa, salvo alguns casos. Em minhas observações de campo, pude constatar que o contato de adolescentes brasileiros com a sociedade japonesa e outros grupos migratórios de Hamamatsu é fortemente marcado pelo idioma, a saber, japonês, inglês e espanhol.

Como exemplos referentes à criação de agenciamentos por conta do idioma, além dos casos de crianças e adolescentes peruanos que aprendem português para se relacionar com os brasileiros (pois, como me disseram informantes peruanas, “brasileiro não se mistura e não aprende o espanhol”), pude observar que adolescentes brasileiros matriculados também em escolas de inglês possuem outra esfera de inserção, expandindo, assim, seu contato não só com os japoneses que sabem ou estudam inglês, como também aumentando suas redes de amigos, namorados, namoradas, etc. Nesse sentido, saber ou não o idioma deixa de ser somente um “problema”, para também se transformar em estratégia ou agenciamento.

Por fim, segundo coordenadores e membros de organizações não governamentais envolvidos em educação e no intercâmbio cultural, quando ocorre a decisão de não matricular os filhos em escola alguma, por conta do projeto familiar, ou da previsão de rápido retorno ao Brasil, etc., essas crianças e adolescentes passam a ficar a maior parte do dia sozinhos em casa, longe dos pais ausentes por conta do trabalho. Esta situação de parentes ausentes implica, para muitos dos entrevistados, a imersão das crianças e adolescentes em um “círculo vicioso”, marcado pelas dificuldades de adaptação na própria vivência no Japão, revisitando assim as dificuldades e problemas enfrentados pelos próprios pais. Em casos extremos, segundo as autoridades mencionadas, a situação de ausência dos pais em casa e na educação acaba estimulando a marginalização de crianças e adolescentes.

Contudo, tendo em mente as diferenças de escolas, sistemas de ensino e a inflexão do conhecimento ou não do idioma, podemos observar como a infraestrutura única de Hamamatsu oferece às famílias de brasileiros facilidades e novas opções que interferem ativamente nos projetos familiares e nas próprias dinâmicas sociais dentro e fora de casa.

## **Considerações finais - Nadando contra a corrente**

Dada a dimensão de Hamamatsu, tanto em importância política quanto no número da população estrangeira residindo no período de minha estadia, é notável a forte presença de organizações não governamentais e associações japonesas, brasileiras ou mistas, que buscam contornar as implicações enfrentadas nestes vários quadros relacionados às novas gerações de nikkeis vivendo na cidade. Enquanto umas se debruçam nas questões de “integração” ou “intercâmbio cultural” entre a sociedade japonesa e a população brasileira, outras se voltam justamente para contrapor as diferenças inerentes à aprendizagem em sala de aula. Como voluntário do *Grupo Arace*, durante dez meses, pude observar a atenção dos coordenadores em auxiliar as crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizado em escolas japonesas. Sendo todos bilíngues, esses coordenadores atuam como mediadores na complexa relação pai-aluno-escola, buscando como meta encurtar as distâncias e desníveis presentes na educação.

Do outro lado do mundo, no Brasil, as discussões acerca das futuras gerações de nikkeis vivendo no Japão são motivo de acalorados debates e congressos. Se o incentivo e foco na educação foram e têm sido aspectos cruciais na ascensão econômica e social das comunidades nikkeis no país (CARDOSO, 1972), muitos dos descendentes que aqui estão não poupam críticas quanto ao futuro da “comunidade brasileira no Japão”, em especial por conta do “descaso” ou “descuido” dos pais para com os filhos, na Terra do Sol Nascente, o que gera “problemas atrás de problemas”.

Para além da existência, ou não, dos inúmeros “problemas” enfrentados pelos decasségus no Japão (“problemas” entre aspas, particularmente porque alguns dos próprios entrevistados não os encaram como tais, mas apenas como uma consequência ou dispositivo acionado pela migração), os líderes das comunidades nikkeis no Brasil não atentam para as diferentes contingências e preocupações dos brasileiros vivendo no exterior, gerando, muitas vezes, projetos alternativos de vida e de família, que interferem, profundamente ou não, na educação dos filhos e nas gerações futuras.

Como já afirmei em outra oportunidade, os brasileiros vivendo no Japão, descendentes de japoneses ou não, perfazem uma *historicidade* bastante diferente da “trajetória da comunidade nikkei” (KEBBE; MACHADO, 2007), tão amplamente difundida e reinventada com o Centenário da Imigração Japonesa para o Brasil, celebrado em 2008. Nessa *historicidade* dos decasségus, notamos que o fenômeno migratório cria novos cenários e múltiplas forças que afetam o projeto familiar. Nos casos brevemente apresentados, vemos, por exemplo,

como a particularidade da infraestrutura de Hamamatsu para receber brasileiros, associada às contingências da esfera do trabalho, são apenas dois dos inúmeros aspectos que adentram as famílias de maneira sem precedentes, obrigando-as a se rearranjarem, se reordenarem e repensarem a vida no Japão.

Durante minhas observações de campo, uma pergunta fundamental que eu dirigia a alguns de meus entrevistados, no momento final da conversa, era se eles encaravam tais instâncias e implicações como “problema”, no sentido de identificar sobre o *quê* e *onde* eles alocavam a palavra “problema”. Obtive uma ampla variedade de respostas, mostrando, assim, que existe uma disputa em torno da referida palavra, por instituições oficiais, associações e organizações não governamentais, a qual poderia ser tida, talvez, como estritamente política, enovando estratégias perfeitamente legítimas em outros contextos culturais.

Como impressões de alguém “de fora”, percebo, portanto, que se faz mais do que necessário o aumento dos estudos sobre os brasileiros vivendo no Japão; mas estudos que atentem justamente para as microdinâmicas sociais que não são vistas à luz de *macroanálises*, uma vez que não compreendemos com precisão quais são os agenciamentos feitos pelas famílias de brasileiros no Japão: uma análise que poderia ser bastante frutífera no entendimento dos problemas educacionais que envolvem as crianças em fluxo. Assim sendo, mesmo depois de mais de vinte anos do surgimento do “fenômeno decasségui”, longe de esgotado, nosso campo continua mais aberto e complexo do que nunca.

## Notas

1 - O uso do termo ‘agenciamento’ constitui, na verdade, um desdobramento de vertentes contemporâneas da Antropologia Social no estudo do parentesco. Após os importantes estudos de Schneider (1984), Strathern (1997, 1999, 2006), Wagner (1974) e Carsten (2004), observamos a necessidade de uma revisão crítica das teorias de parentesco na Antropologia Social. Como apontado por Machado (2010) e Machado, Kebbe e Da Silva (2008), tal percepção é igualmente útil na compreensão de famílias que são literalmente atravessadas pelas migrações internacionais, hoje amplamente difundidas e espalhadas pelo globo graças às novas tecnologias de transporte, comunicação (BALDASSAR, 2007) e envio de remessas (CANALES, 2005). Ao trazer os termos “agenciamentos”, “arranjos” e “relacionalidades”, procuramos verificar como essas famílias articulam os seus termos de parentesco sem se prender em definições consolidadas que, em alguns casos, podem até mesmo não corresponder à realidade. Sendo o objetivo das Ciências Sociais elaborar modelos explicativos com base na realidade social (e não o inverso), busca-se captar determinadas nuances do mundo vivido, para então pensar em modelos explicativos para a temática do parentesco, na contemporaneidade. Tais questões são foco e centro de análise da minha tese de doutorado.

2 - Vale notar que Aichi-ken concentra o maior número de decasséguis brasileiros dispersos em toda a província.

3 - É importante ressaltar que pouco antes da crise econômica de 2008, as estatísticas oficiais acerca da população brasileira em Hamamatsu giravam em torno de 20 mil habitantes. Com a crise e o súbito retorno de muitos desses brasileiros, os órgãos públicos, associações e organizações não governamentais de Hamamatsu vêm buscando, até o presente momento, refazer as estatísticas, não apenas com o auxílio do último censo nacional japonês, realizado em outubro de 2010; como também através de um censo exclusivo da população brasileira,

realizado em fevereiro de 2011 pela Prefeitura de Hamamatsu, em conjunto com a Associação de Intercâmbio Cultural Brasil-Japão.

4 - Tendo em mente a prática etnográfica e as técnicas de observação participante, atuei como voluntário nas aulas de inglês para jovens e adultos brasileiros, no Projeto Junto à HICE (Fundação para Comunicação e Intercâmbio Internacional de Hamamatsu), onde também pude presenciar como observador as aulas de japonês para essas turmas. Também fui voluntário da Organização Não Governamental ARACE, acompanhando semanalmente os trabalhos desenvolvidos com crianças brasileiras com dificuldades no aprendizado em escolas japonesas.

5 - Tanto “Fernanda”, quanto “Mariana”, são nomes fictícios, visando assim preservar a identidade das entrevistadas.

## Referências

- BALDASSAR, Loretta. Transnational Families and the Provision of Moral and Emotional Support: The Relationship between Truth and Distance. In: *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol. 4, nº 14, p. 385-409, 2007.
- BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla. *The Transnational Family – New European Frontiers and Global Networks, Cross-Cultural Perspectives on Women*. Oxford: Berg Publishers, 2002.
- CANALES, Alejandro. The role of remittances in the transnational family relationships configuration. In: *Papeles de Población*, nº 44, p. 157-158, 2005.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social*. Estudo sobre os Japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.
- CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- KAWAMURA, Lili K. Redes sociales y culturales de migrantes brasileños en la ruta Brasil-Japón: Movimiento y permanencia. In: *Emigración Latinoamericana: Comparación Interregional entre América del Norte, Europa y Japón. JCAS Symposium Series 19*, Osaka: The Japan Center for Area Studies, 2003.
- KEBBE, Victor Hugo M.; MACHADO, Igor J. R. Kasato Maru – Mito do Sucesso da Imigração Japonesa, Dekasseguis e o Sonho da Comunidade Nikkei. In: *Anais do 32º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu: ANPOCS, 2007.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Searching for Home Abroad – Japanese Brazilians and Transnationalism*. Durham & London: Duke University Press, 2003.
- MACHADO, Igor J. R.; KEBBE, Victor Hugo M.; DA SILVA, Cristina R. Notas sobre a Família Transnacional. In: *REMHU*, Brasília, v. 16, nº 30, p. 79-99, 2008.
- MACHADO, Igor J. R. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. In: *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, nº 1, p. 5-26, fev. 2010.
- MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, nº 49, p. 11-29, jun. 2002.

- \_\_\_\_\_. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. In: *Tempo social*, São Paulo, v.15, nº 1, p. 81-95, abr. 2003.
- \_\_\_\_\_. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo social*, São Paulo, v.17, nº 2, p. 173-205, nov. 2005.
- SCHNEIDER, David. *A Critique of the Study of Kinship*. Michigan: University of Michigan Press, 1984.
- SILVA, Victor Hugo M. K. Brazilian Family in Japan: Building Kinship. In: *International Bulletin of the Shizuoka University*. Shizuoka: Shizuoka University, 2011a.
- \_\_\_\_\_. “Considerações sobre a comunidade Nikkei brasileira no Japão”. In: The Japan Foundation Wochi Kochi Magazine – *Relay Essay*, nº 7, <http://www.wochikochi.jp/relayessay/2011/03/007.php>, 2011b.
- STRATHERN, Marylin. Entre uma melanesianista e uma feminista. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 9, nº 8, p. 7-49, 1997.
- \_\_\_\_\_. Entrevista – No limite de uma certa linguagem. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 2, p. 157-175, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Gênero da Dádiva – Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.
- WAGNER, Roy. *The Invention of Culture*. New Jersey: Prentice Hall, 1974.
- YAMAMOTO, Lúcia E. Brazilian families in a transnational context: Brazil, USA, Japan. In: *REMHU*, Brasília, ano XVI, nº 30, p. 147-163, 2008.

## RESUMO

Caracterizadas na Antropologia Social contemporânea como “famílias transnacionais”, precisamente por serem constituídas por membros vivendo separados em mais de um país, as famílias decasségui vivem um paradoxo e são ainda pouco estudadas na Antropologia a partir de uma perspectiva diferenciada que compreenda as microdinâmicas sociais. Este artigo propõe uma breve discussão acerca das famílias de decasségui enquanto famílias transnacionais, focando nas reordenações familiares e nos dilemas enfrentados pelas crianças nipo-brasileiras que vivem na cidade de Hamamatsu, Japão.

**Palavras-chave:** família transnacional; decasségui; crianças.

## ABSTRACT

Characterized in contemporary Anthropological Theory as “transnational families” precisely for being constituted of members living apart in more than one country, dekasegi families live with a paradox and are still little studied in Anthropology from a differentiated perspective encompassing social micro-dynamics. This article proposes a brief discussion regarding the dekasegi families as transnational families, focusing on the family reorganizations and the dilemmas faced by the Japanese Brazilian children living in Hamamatsu city.

**Keywords:** transnational family; dekasegi; children.